

AS PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belmiria Chamorra Cabreira

Orientadora: Profa. Dra. Sandra dos Santos Andrade

Resumo: A pesquisa investigou as práticas de leitura presentes em uma turma de pré-maternal em uma escola privada de Porto Alegre. Analisou como essas crianças interagem com os diferentes materiais de leitura que lhes foram apresentados. Participaram da pesquisa oito crianças da turma, que possuem entre um e dois anos. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com foco no estudo de caso. Foram realizados oito momentos de interação das crianças com diferentes materiais de leitura. As interações foram filmadas para serem posteriormente assistidas e o material categorizado. A pesquisa apoia-se nos estudos do letramento, principalmente nos pressupostos teóricos de Magda Soares e Angela Kleiman e, também, em Emília Ferreiro e Ana Teberosky, no que diz respeito aos atos de leitura. Com o estudo foi possível perceber uma significativa interação e exploração das crianças com os materiais de leitura. E embora fossem bem pequenas, estavam realizando práticas de leitura, pois, à medida que liam as imagens de livros, revistas ou embalagens, faziam tentativas de decifrar as mensagens que as imagens representavam. Tais comportamentos permitem inferir que essas crianças estão acostumadas e são estimuladas por um ambiente letrado, sendo capazes até mesmo de identificar o gênero dos materiais de leitura apresentados.

Palavras-chave: Práticas de leitura. Educação infantil. Materiais de leitura.

Apresentação

Desde os primeiros anos da educação infantil, as crianças presenciam na escola uma rotina que oportuniza vivências e atividades de letramento, especificamente a prática de leitura. Vivemos em um ambiente letrado, em que a escrita e a leitura estão em todos os lugares, por todos os lados, fazendo parte do nosso cotidiano, dentro da nossa casa, com a publicidade, as propagandas de TV, com os alimentos que consumimos, nas leituras que realizamos, nos mais diferentes

suportes, como jornais, revistas, livros. Também estão nas ruas, com as placas de trânsito e do comércio, os *outdoors*, os panfletos na sinalreira etc. Kleiman (2005, p. 6) ressalta que “a escrita, de fato, faz parte de praticamente todas as situações do cotidiano da maioria das pessoas. Isto é o que acontece nas sociedades complexas, em que não é possível atingir objetivos ou realizar tarefas apenas falando”. Em função dessas situações cotidianas de letramento que experienciamos é que justifico minha opção em pesquisar as práticas de leitura com crianças de um a dois anos.

Este trabalho de pesquisa foi elaborado para fins de conclusão de um curso para a especialização em Alfabetização e Letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faced/UFRGS).

O trabalho de campo foi realizado na escola em que trabalho como professora, em uma turma de pré-maternal de uma escola da rede privada de Porto Alegre/RS. Teve como foco investigar as práticas de leitura presentes na turma e como as crianças se relacionaram com os diferentes materiais que lhes foram apresentados. Considero relevante compreender e identificar como acontecem as práticas de leitura com crianças pequenas, e como elas se relacionam com os diferentes materiais presentes em sala de aula. Tais estudos podem auxiliar na qualificação do trabalho pedagógico realizado com esses grupos.

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, que toma como foco metodológico o estudo de caso. Foram realizadas filmagens de sete momentos de interação das crianças com os materiais de leitura, cada uma com duração de 10 a 15 minutos, aproximadamente. A partir da observação e análise desse material, refleti e busquei uma melhor compreensão sobre as práticas de leitura presentes em minha turma.

A escolha pelo caminho metodológico

Esta é uma pesquisa qualitativa com foco no estudo de caso. Segundo Ventura (2007, p. 384) “o estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem

delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que possa realizar uma busca circunstanciada de informações.”

O estudo ancora-se nas quatro fases do estudo de caso destacado por Gil (1995 apud VENTURA, 2000, p. 385), que servem para delinear a pesquisa: 1) delimitação da unidade-caso; 2) coleta de dados; 3) seleção, análise e interpretação dos dados; e 4) elaboração do relatório. Neste evento, o caso é representado pelo conjunto de crianças da turma. Como apontado anteriormente, o estudo foi realizado com a turma de pré-maternal que funciona no turno da tarde, envolvendo nove crianças de um ano e meio a dois anos e meio.

A metodologia foi previamente definida por ser considerada a mais adequada a fim de dar conta dos objetivos da pesquisa em questão. Após essa definição, foram planejados e propiciados momentos de interação das crianças com os materiais de leitura. Logo no primeiro momento de interação, constatou-se a necessidade de filmar as interações para facilitar sua posterior categorização e análise, pois, como professora, me via muito envolvida na dinâmica com o grupo e não conseguia me posicionar apenas como pesquisadora nesses momentos. As considerações feitas após as interações e a assistência aos vídeos foram anotadas em um diário de campo, o que resultou no material empírico desta pesquisa.

Foram realizados oito momentos de interação com os materiais de leitura, os quais ocorreram geralmente duas vezes na semana, com duração de 10 a 15 minutos cada um. As atividades foram intencionalmente planejadas e pensadas para verificar como as crianças se relacionavam e interagem com os diferentes materiais de leitura que foram apresentados pela pesquisadora no momento da ‘roda’. Estes materiais se encontravam sempre dentro da ‘caixa de leitura’, a qual foi construída pela pesquisadora com a ajuda das crianças, que coloriram com giz de cera um papel pardo, que serviu para forrar a caixa.

Primeiramente, a intenção inicial era selecionar diferentes materiais de leitura que se encontravam na escola, como livros, revistas, jornais. Contudo, refletindo melhor sobre os objetivos da pesquisa, surgiu a ideia de enviar um bilhete solicitando aos responsáveis que enviassem diferentes materiais de leitura que fossem do contexto familiar da criança. Foram dadas algumas sugestões, como livros, jornais, revistas, gibis, bulas, embalagens que as crianças conhecessem,

enfim, o que eles tivessem em casa. Todas as famílias contribuíram, enviando diversos materiais, alguns dos quais foram selecionados para as interações.

A primeira experiência com a caixa de leitura não foi filmada. A caixa foi disponibilizada na rodinha para as crianças explorarem livremente os materiais, enquanto a pesquisadora fazia a tentativa de anotar as reações e os comportamentos. A partir das dificuldades que surgiram através desta primeira interação, por não conseguir dar conta de observar tudo o que estava acontecendo e ao mesmo tempo registrar, a pesquisadora percebeu a necessidade de filmar esses momentos. Assim, todos os outros momentos de interação foram filmados, o que proporcionou a intervenção no grupo da pesquisadora-professora em vários momentos, como nos pequenos conflitos que ocorreram em alguns momentos entre as crianças, nas disputas pelo mesmo material, como também na estimulação da socialização e na tentativa de instigá-los a respeito dos materiais.

O primeiro momento de interação aconteceu no dia 1º de agosto. Foram selecionados diversos materiais que haviam sido enviados pelas famílias, como livros, revistas, jornais, gibis, bula de remédio, embalagens de creme dental, pomada de assadura, caixa de bolo, caixinha de suco, caixa de leite, embalagem de fralda, caixa de lápis de cor e embalagem de creme hidratante. Todos eles foram colocados nesta caixa de leitura e apresentados na roda pela pesquisadora.

O segundo momento de interação, no dia 6 de agosto, e teve duração de aproximadamente 10 minutos. Este foi filmado pela pesquisadora, que tentou fazer o mínimo possível de intervenções, pois queria deixar as crianças livres para explorar os materiais. Novamente, os materiais selecionados foram alguns livros, revistas, embalagens, gibis, bula e jornal. As crianças foram organizadas em roda para receber a caixa com os materiais de leitura. Cada criança foi pegando o material que (re)conhecia ou que lhe chamava a atenção. Os mais explorados foram os livros de história e as embalagens.

O terceiro momento de interação foi no dia 12 de agosto e teve duração de 15 minutos. Foram selecionados para este dia livros e revistas. Este momento e todos os seguintes contaram com a ajuda da professora auxiliar, que filmava as interações, para que a pesquisadora pudesse ter uma melhor disponibilidade para interagir com as crianças, estimulando a socialização e a interação com os materiais.

O quarto dia de interação ocorreu em 15 de agosto. Especificamente neste dia, houve um imprevisto na escola, pois estava ocorrendo uma comemoração de aniversário, e avisou-se, de surpresa, para que todos se dirigissem ao refeitório, fazendo com que o tempo de interação fosse reduzido para aproximadamente três minutos. Nesta ocasião, foi colocado um elemento surpresa na caixa de leitura, o qual foi pensado durante uma conversa com a orientadora, que eram alguns brinquedos da sala, além de livros e revistas e, para minha surpresa, os brinquedos foram retirados e colocados de lado.

Para o quinto momento de interação, que ocorreu em 20 de agosto, com duração de 15 minutos, a pesquisadora organizou a caixa de leitura somente com livros. Neste dia, a caixa já estava à 'espera' das crianças na sala, quando retornaram do pátio. Assim que entraram na sala, imediatamente direcionaram-se ao tapete onde estava a caixa e começaram a explorar e interagir.

O sexto episódio de interação ocorreu no dia 22 de agosto e teve uma duração de aproximadamente 12 minutos. Para este dia, a pesquisadora escolheu novos livros e diversas embalagens. Neste dia, as crianças exploraram os materiais, interagiram bastante com a pesquisadora, trazendo diversos livros para que ela lesse, contasse a história.

O sétimo momento de interação aconteceu no dia 26 de agosto. Este em particular foi planejado para que, ao final das interações, a pesquisadora questionasse as crianças para investigar o que elas entendiam por leitura, onde na sala constavam 'coisas' para ler? Dessa forma, ocorreram dois registros de filmagens: o primeiro durou em torno de 13 minutos, que foi sobre a interação da turma com os materiais, que foram novamente selecionados (embalagens diversas e livros que as crianças já conheciam). As crianças foram organizadas em roda para que a pesquisadora trouxesse a caixa para ser explorada. Após essa interação, houve uma pequena pausa na filmagem e depois seguiu com a segunda proposta, mencionada anteriormente, em que a pesquisadora propôs algumas inferências e questionamentos às crianças, a respeito de "onde além dos livros, tem coisas que poderíamos ler na sala de aula?". Surgiram algumas respostas, que necessitaram de uma explicação, uma nova pergunta, que foi: "Onde na sala teria o nome das crianças?" Com esta pergunta, foram surgindo novas hipóteses. Essa foi a última interação que foi registrada mediante filmagem.

Alguns dias depois, novamente em conversa com a orientadora da pesquisa, surgiu a possibilidade de um novo questionamento às crianças: será que elas saberiam nomear e identificar os diferentes tipos de materiais que lhes foram apresentados? Então se pensou em ter outro momento de conversa com a turma e, para isso, a pesquisadora selecionou dois tipos de cada material – livro, revista, jornal, gibi e embalagem. Primeiramente, os materiais foram mostrados e nomeados pela pesquisadora; após, foram mostrados novamente, indagando-se às crianças o que eram. Com isso, surgiram falas das crianças, que conseguiram reconhecer e nomear quase todos os materiais.

Refletindo sobre a leitura e a oralidade da turma

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras.
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:
vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;
nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;
e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;
na cara do lutador,
quando está sentindo dor;
vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;
e no pelo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;
e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;
e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou vai lento;
também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,
e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,
e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,
vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,
vai ler até nas estrelas
e no som do coração.
Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos
difíceis de decifrar.

Aula de leitura (Ricardo Azevedo, *Dezenove poemas desengonçados*)

Considero relevante iniciar a descrever sobre as situações de leitura e oralidade observadas na turma com este poema de Ricardo Azevedo, pois com ele reafirmo a ideia do autor, de que a leitura é muito mais do que decifrar palavras, mas também é atribuir significado ao que se está vendo, seja através da decodificação das palavras, para os alfabetizados, ou a interpretação das imagens, para os que ainda desconhecem a linguagem escrita, porque a leitura é uma construção de sentido.

As práticas de leitura e a linguagem oral estão presentes nesta turma de pré-maternal, e não é possível separá-las, pois elas acontecem de modo concomitante. À medida que estão manuseando um livro de história, estão 'lendo' através das imagens e verbalizando o que estão vendo, apontando com o dedo. Num dos momentos de interação com os materiais, várias crianças, enquanto estavam explorando os materiais, ficavam passando a mão nas imagens ou mostrando algo que lhes chamou a atenção, atribuindo sentido àquilo que estavam vendo e lendo nas imagens. Esse ato demonstra que a leitura transcende o ato de decodificar símbolos gráficos, pois as imagens expressam ações, e essa expressão permite que crianças não alfabetizadas façam a interpretação do livro manuseado.

Sendo assim, tais práticas de leitura, como a leitura de história, possibilitam que as crianças se familiarizem com o suporte livro (dentre outros), com sua materialidade, "é uma atividade que enriquece o vocabulário da criança e proporciona o desenvolvimento de habilidades de compreensão [...]" (SOARES, 2009, s/p). Quando a professora faz uma leitura oral para seus alunos, esta funciona como uma leitura modelo, em que ações como entonação, marcação da pontuação, algumas pausas, o acréscimo de gestos, mudar ou acrescentar alguma palavra que faça mais sentido ao leitor e reprisar algumas palavras contribuem para uma boa compreensão do que se está sendo lido, e a professora se torna um "modelo de leitor". É através desse modelo que iniciam as tentativas de contação de história ou reprodução de pequenas narrativas por parte dos alunos. Brandão e Rosa (2010, p. 36) corroboram, quando ressaltam que "o contato das crianças com a história é mediado pela voz da professora, que lê, canta ou narra. Essa mediação implica uma proximidade física entre quem conta e quem ouve, além de uma interação situada num plano simbólico".

Igualmente importante é planejar esses momentos de leitura, contextualizando com as crianças, tornando algo prazeroso, porque “ler é atribuir sentido” (CAFIERO, 2009, p. 86). Sendo o leitor um sujeito ativo do processo, ele precisa compreender o que está lendo, e não apenas decodificar as palavras. E quando essa leitura do texto não é possível, no caso da turma pesquisada, o professor assume esse papel, cabe a ele uma contextualização inicial, fazendo inferências, explorando a leitura das imagens, destacando as saliências, para então iniciar essa leitura para as crianças. Cafiero (2009, p. 87) destaca que “há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar”.

Destaco um recorte da minha análise, que exemplifica o que Cafiero aponta sobre a “leitura ser uma produção de sentido”. Num dos momentos de interação, quando as crianças estavam em frente a um livro conhecido, à medida que olhavam as imagens faziam a leitura delas, interpretando-as oralmente e antecipando, algumas vezes, o que acontece na história, fazendo os sons dos animais, acompanhados de gestos e olhares. Esta turma tem uma característica muito peculiar e que a difere das outras turmas em que atuei. As crianças são curiosas, atentas a tudo que as cercam, gostam de explorar os ambientes e os materiais disponíveis.

A sala em questão dispõe de um bom espaço físico e de vários brinquedos, jogos, livros dos mais diferentes formatos (de pano, tecido, cartonado ou fininho), assim como revistas e embalagens. Estas, ditas como ‘sucatas’, têm sua caixa própria, cheia delas, e são utilizadas para brincar de ‘comidinha’, junto ao fogão e às panelinhas. O espaço possui um cantinho da ‘roda’, onde é realizada a chamada e também é o lugar onde acontecem muitas conversas, trocas de informações sobre o dia, sobre o que irão fazer e as atividades que realizarão. É também o lugar preferido para ouvir história e manipular os livros.

As paredes são usadas para colocar as mochilas das crianças, para pendurar trabalhos, colocar cartaz do projeto ou dos aniversários, alguns elementos de decoração (bichinhos, nuvem, sol), e não poderia faltar os nomes das crianças, algo tão importante nessa faixa etária, que traz significado para elas e suas famílias. Os nomes estão próximos aos ganchos das mochilas, junto das fotos, no cartaz dos aniversários, na porta de entrada da sala, junto às fotos, e na parede dos trabalhos.

Estão rodeados de materiais de leitura, quase tudo que os cerca pode ser lido, a começar pelos seus nomes, que são colocados em todos os materiais pessoais, como agendas, copos, bicos, mamadeiras, folhas de trabalhos ou algum brinquedo trazido de casa. E embora não saibam fazer a leitura propriamente dita, a decodificação, conseguem compreender e identificar onde estão escritos os seus nomes, algumas vezes verbalizam e mostram apontando para onde está escrito.

Compreende-se que na educação infantil o espaço é muito importante para a aprendizagem e a interação. Segundo Horn (2004, p. 61),

As escolas de educação infantil têm na organização dos ambientes uma parte importante de sua proposta pedagógica. Ela traduz as concepções de criança, de educação, de ensino e aprendizagem, bem como uma visão de mundo e de ser humano do educador que atua nesse cenário.

Com isso, pretende-se ressaltar que um ambiente letrado possibilita à criança um contato maior com os diferentes materiais de leitura, fazendo aguçar um interesse em manipular, estar em contato com esses materiais. De acordo com Soares (2009, s/p), “na educação infantil, a criança pode e deve ser introduzida a diferentes gêneros, diferentes portadores de texto”. Logicamente, assim como Kaercher (2011, p. 138), aceito e entendo que “o livro será alvo de manipulação intensa, será cheirado, mordido, amassado, esfregado, arrastado etc.” e que toda essa interação é importante para a criança inicialmente se familiarizar com o objeto, material, seja ele livro, revista ou até mesmo gibi, para posteriormente compreender para que serve e fazer um melhor uso.

Em síntese, acredita-se que é de fundamental relevância a criança estar imersa em um contexto letrado, e que através dele haja estímulos e vivências significativas, de interação com os mais diferentes materiais de leitura, para que posteriormente construa o interesse pela leitura e pela escrita.

Análise das interações

As análises usam como referência os estudos do campo do letramento, especificamente as práticas de leitura. Compreende-se que as crianças, desde que chegam à escola, têm contato com diferentes materiais de leitura, seja dentro da sala de aula, ou fora dela, como nos corredores, nos banheiros, no refeitório, na brinquedoteca, entre outros. Como afirmam Albuquerque e Leite (2010, p. 93),

As crianças nascem em um mundo em que existe uma extraordinária profusão de letras, presentes em vários materiais que fazem parte de diferentes contextos socioculturais: jornais, revistas, livros de literatura infantil, receitas, listas de compras, rótulos de embalagens, entre muitos outros.

Acredita-se, assim como Kleiman, que “o ‘letramento’ é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo o lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana” (2005, p. 5). Esta investigação também se apoia nos conceitos de Magda Soares, principalmente no que se refere à importância do letramento na educação infantil. Segundo a autora (2010, s/p),

A leitura frequente de histórias para crianças é, sem dúvida, a principal e indispensável atividade de letramento na educação infantil. Se adequadamente desenvolvida, essa atividade conduz a criança, desde muito pequena, a conhecimentos e habilidades fundamentais para a sua plena inserção no mundo da escrita.

Pretendo, neste momento, destacar as análises das interações das crianças com os materiais de leitura que foram disponibilizados, tendo como apoio as anotações destas após a observação das filmagens. Trarei o relato dos momentos de interações e o que de relevante aconteceu em cada uma dessas atividades.

Inicialmente, cabe aqui salientar a grande participação e o envolvimento de cada criança. Todos os momentos de interação foram realizados em roda¹, visto que possibilita muita socialização, seja uma roda de contação de história ou uma roda de conversa². Segundo Brandão e Rosa (2010, p. 37), “a participação da criança em rodas de história oportuniza a formação de uma comunidade de ouvintes que compartilha histórias de uma forma sincrônica no sentido temporal e espacial”.

No primeiro momento de interação, destaco a curiosidade das crianças para a ‘caixa de leitura’, nome dado pela pesquisadora para a caixa onde ficaram os materiais de leitura. Assim que vislumbraram a caixa e os materiais, logo passaram a retirar os materiais de dentro, olhando-os, manuseando-os, colocando-os na boca ou de lado. Esse momento causou alguns conflitos entre as crianças, pois, na ânsia por explorar e manipular os materiais, mais de uma criança queria o mesmo,

¹ “Roda é a denominação dada a um dos momentos da rotina das classes de educação infantil, onde, sentadas em círculo, juntamente com o educador, as crianças conversam, contam experiências, ouvem histórias, planejam atividades etc.” (HORN, 2007, p. 111).

² Roda de conversa é muito utilizada na educação infantil, por ser uma maneira de organizar as crianças de forma confortável, todas ao redor do professor. Como o nome já diz, é uma roda para se conversar sobre assuntos variados, relevantes naquele dia, e para retomar algumas combinações, ou para fazer novas.

gerando alguns puxões e empurrões. A caixa trouxe vários materiais que as crianças conheciam, pois alguns eram seus, como os livros de história, e algumas embalagens, mas alguns deles eram pouco familiares, como bulas e gibis.

Igualmente, no segundo momento de interação, ocorreram pequenos conflitos e disputas entre os materiais, o que necessitou da minha intervenção, tentando mediar a situação, propondo algumas trocas entre eles. O que foi marcante nesses primeiros momentos foi o reconhecimento dos materiais por parte das crianças, pois foram elementos enviados pelas famílias das crianças, portanto faziam parte do cotidiano familiar. Henrique, quando pegou a caixa de creme dental, fez movimento de batê-la em sua mão, tentando tirar o creme dental dali de dentro, não entendendo que era apenas uma embalagem vazia. Fazia esta tentativa e verbalizava: “Não abi! Não abi!” E mostrava para a pesquisadora, como se estivesse perguntando “Por que não abre? Porque não tá saindo?” Assim como a Laura, quando pegou a mesma caixa, mostrou e falou “Dente”, reconhecendo para que servia aquele objeto.

Outro fato importante de destacar foi o comportamento de algumas crianças nos momentos de interação, em especial o Lucas, que teve grande participação em todos os momentos. Este menino permaneceu um tempo interessado por uma revista, que continha imagens de carros, de diferentes tipos e cores. Para ele, aquela revista é a “história do carro”. À medida que segura a revista em seu colo e vai cuidadosamente olhando-a, lendo-a e folheando, também faz comentários, como se estivesse contando realmente uma história. Verbaliza em vários momentos que é a “história do carro vermelho”, e conforme vão aparecendo outros carros ele vai falando as cores, passando a mão sobre a imagem, como se estivesse ‘sentindo’ aquela imagem. O seu interesse pela revista chamou atenção de outra criança, seu amigo Henrique, que sentou próximo a ele, para também ver a “história do carro vermelho”. Lucas foi mostrando a Henrique as imagens dos carros, reconhecendo as cores deles, e em certo momento, quando chegou ao final da revista, ele finalizou a contação da história, dizendo: “Agora acabo a história do carro!”. Então fechou a revista, permanecendo com ela em seu colo.

O exemplo de Lucas, que é o aluno mais velho, vem a corroborar o que dizem Ferreiro e Teberosky (1999, p. 165) quanto ao ato de leitura: “seria difícil contabilizar os atos de leitura que um adulto e aos quais a criança assiste desde muito cedo. Entre estes atos, totalmente cotidianos e habituais, devemos também incluir a leitura

dirigida especialmente à criança”. Os atos de leitura apresentados por esta criança são demonstrados claramente na postura corporal, na forma de manusear, o olhar, os gestos.

Fica claro nesse exemplo a imitação que ele faz de um ato de leitura, o qual presencia diversas vezes na escola e provavelmente em casa. Reafirmando essa ideia, Ferreiro e Teberosky deixam claro que tais imitações acontecem por inúmeros fatores, como a forma de segurar, olhar e falar, e que “esses atos não são realizados com quaisquer objetos, mas com aqueles que se ‘prestam’ (por exemplo, livros com imagens)” (1999, p. 166). E a criança, “ao imitar, aprende e compreende muitas coisas, porque a imitação espontânea não é cópia passiva, mas sim tentativa de compreender o modelo imitado” (ibidem, p. 166).

Alícia manifestou uma relação interessante com as embalagens, um reconhecimento de sua função como portador de texto. A menina foi capaz de atribuir sentidos a elas, mostrou claramente que as embalagens são objetos que se prestam à leitura. A primeira que pegou para manusear foi uma caixa de bolo. Assim que a pegou, tentou abri-la com intenção de pegar um bolinho e comer. Logo que conseguiu abrir uma das pontas da caixa, olhou para dentro, para ver se tinha algo dentro; como viu que não havia nada, logo a jogou no chão. Teve uma reação parecida com a embalagem do suco de caixinha. Pegou-a e levou direto para a boca, chupando-a, na tentativa de beber o suco. Permaneceu com ela um tempo, chupando-a, apertando-a, como se não entendesse por que estava vazia. Pode-se afirmar que Alícia fez, então, a leitura das embalagens, pois as reconheceu e sabia para que serviam.

Em outro momento de interação por mim proporcionado, mais precisamente no sexto, fiz a inserção de textos em diferentes suportes e materiais. Foi uma rica exploração, cheia de significados. Aos poucos, as crianças iam examinando, manuseando os livros e, com minha intervenção, iam percebendo e identificando suas características. Passavam a mão em cima do livro, apertando, colocando na boca, balançando para ouvir o som. Toda essa descoberta me faz refletir, a partir do que aponta Kaercher (2001, p. 84):

Quando estamos trabalhando com uma criança pequena, de até dois anos, precisamos perceber que é através dos sentidos, e das informações apreendidas através deles, que irá compreender o mundo que a cerca (e a literatura faz parte deste mundo). Assim, tudo que puder ser cheirado, ouvido, visto, tocado ou saboreado terá uma grande importância.

Nesse mesmo dia, as crianças iam escolhendo alguns livros e pediam para a pesquisadora ler. Um deles, *Advinha quanto eu te amo*, conta a história de um coelhinho e de seu pai. Enquanto iniciava a leitura, Henrique ia fazendo algumas inferências. Olhou para o livro, e disse: “É o papai dele”. E em seguida ele pergunta: “Cadê a mamãe dele?” Respondi: “Não sei cadê a mamãe dele”. E Henrique complementa: “Não sei, tem que procurar”. Esse é um exemplo de possibilidades de aprendizagem que o livro e a literatura podem proporcionar.

Portanto qualquer ação pedagógica que envolva Literatura Infantil está lidando com a Cultura Infantil: o que a criança vê e como ela interpreta só faz sentido dentro de um determinado repertório de significações possíveis, constituídas dentro de uma determinada cultura (familiar, escolar, religiosa, nacional, etária etc.). Logo, ao propormos atividades de contação de histórias para crianças, necessariamente, estaremos lidando com as possibilidades concretas de interpretação e criação que cada criança desenvolve, a partir da cultura em que está inserida. (KAERCHER, 2011, p. 137).

Para finalizar estas análises, destaco uma atividade que foi realizada no último momento de interação, durante uma problematização com as crianças para saber o que elas compreendiam sobre os materiais de leitura, se saberiam identificar na sala de aula onde havia materiais ou ‘coisas’ que pudessem ler. Fui surpreendida com as respostas. Precisei ir modificando a pergunta para que elas conseguissem entender. Iniciei instigando: “Vamos olhar na nossa sala onde tem coisas para a gente ler? Onde tem o nome de vocês?”. E assim foram surgindo as hipóteses. Marina logo apontou para a parede onde estava sua mochila, verbalizando: “Ali”. E cada um foi apontando para o seu nome, que estava do lado da foto, e quando eu questionava sobre o que estava escrito, liam o nome. Então fiz uma última pergunta: “Onde mais aqui na sala tem o nome de vocês?”. Lucas rapidamente aponta para outra parede onde havia os nomes, o lugar onde ficavam pendurados os trabalhos que faziam durante a tarde. Todas essas hipóteses que foram levantadas, as inferências, causaram alegria e encantamento. Esse exemplo reitera o que Magda Soares (2010) afirma, que o letramento deve estar presente na educação infantil. Segundo a autora, “O essencial é que as crianças estejam imersas em um contexto letrado”, para que possam ir construindo conhecimento a respeito das práticas de uso social da leitura e da escrita.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou investigar as práticas de leitura presentes em uma turma de educação infantil e como as crianças se relacionaram com os diferentes materiais de leitura que lhes foram apresentados. A investigação utilizou o estudo de caso como metodologia, o que garantiu um rico material empírico, que posteriormente foi analisado.

A pesquisa apoiou-se teoricamente nos estudos do letramento, utilizando diversos autores que possibilitaram um aprofundamento e a reflexão sobre o tema.

A partir dessa imersão nos conceitos que envolvem o letramento e das práticas de leitura e análises empreendidas dos momentos de interações, foi possível responder às questões centrais da presente pesquisa, tendo assim, alcançado os objetivos centrais. Foi possível perceber que as práticas de leitura estão presentes na turma investigada e, me animo a dizer, em praticamente todas as turmas de educação infantil. Isso, não só pela intencionalidade da professora em apresentar diferentes materiais de leitura, mas também pela relação que as crianças estabelecem com o mundo letrado, o que ficou muito evidente durante a análise do material empírico. Todo o movimento que envolve uma prática de leitura mostrou-se presente, desde a postura para fazer a leitura, a forma de manusear o material, as inferências, a interação durante manipulação e a observação do que estavam lendo. Quando iniciei o estudo, deparei-me com a problemática de assumir o papel de pesquisadora, deixando de lado o da professora, para poder dar conta de um olhar mais analítico, menos pedagógico. Com isso, percebi algumas 'sutilezas' que certamente passariam despercebidas pela correria do dia a dia em sala de aula, e que foram descritas neste trabalho durante as análises.

Outra questão analisada foi em relação à interação das crianças com os diferentes materiais de leitura, como elas iriam reagir e se relacionar com esses materiais. Percebi que em todos os momentos propostos houve muita interação e diferentes formas de exploração do material, que dependiam da relação e da aproximação que as crianças já tinham com objeto, como apontado na relação de Alícia com as embalagens, por exemplo.

A filmagem foi um recurso que garantiu a possibilidade de retomar o momento de interação em todos os seus detalhes, favorecendo a qualidade das análises,

permitindo ver várias vezes o mesmo momento de interação e cada vez perceber algo novo. Fui gratamente surpreendida ao assistir esses momentos e perceber o quanto as crianças tinham de intimidade com os materiais de leitura e sabiam dizer sobre eles. Acredito que as interações apresentadas estão intimamente ligadas às práticas de leitura do cotidiano tanto familiar como escolar, porque percebi diversas atitudes 'imitadas', e me vi em muitas dessas atitudes. Reafirmou-se a colocação de Ferreiro e Teberosky (1999) de que a criança imita os gestos dos adultos, e essa imitação só é possível se ela convive com e presencia situações de leitura que se colocam em suas relações sociais e culturais.

Enfim, por meio deste estudo pude perceber o quão fascinante é esse 'contexto de letramento', quantas possibilidades em relação à interação, à descoberta e às aprendizagens do mundo da leitura e da escrita ele pode proporcionar às crianças. Ligado a isso, não poderia deixar de fora a importância da literatura, dos livros de história na educação infantil, que são muito presentes no dia a dia da turma analisada. Essa compreensão desencadeou outra reflexão ao longo da pesquisa. Como a literatura é 'mágica' e envolve mais do que uma simples leitura, há o contato físico e emocional com o livro, um encantamento ao ouvir uma história e pedir para que se conte outras vezes. Concordo com Kaercher (2011, p. 135), quando diz que "a literatura infantil é arte que usa a palavra como linguagem expressiva e como tal deve ser trabalhada. Mais do que um modo de cognição, a Literatura é um alimento para a alma".

Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEITE, Tânia Maria Rios. Explorando as letras na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza. **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 93-115.

AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática, 1998.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza. **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa**: Ensino

Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2009. p. 85-106. (Coleção Explorando o Ensino).

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gladis. **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aroma:** a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KAERCHER, Gladis Elise Pereira da Silva. Literatura Infantil e Educação Infantil: Um Grande Encontro. In: UNESP. **Caderno de Formação:** didática dos conteúdos formação de professores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p.135-141.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: Cefiel; Unicamp; MEC, 2005.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**, v. 7, n. 20, jul/out 2009. Disponível em: <<http://falandodospequenos.blogspot.com.br/2010/04/alfabetizacao-e-letramento-na-educacao.html>>. Acesso em: 14 out. 2013.

VENTURA, Magda. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa.** 2007. Disponível em: <http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.